

VIAGEM

POR CAIO VILELA

O SHOW DA VIDA (OU A VIDA COMO ELA É)

CHAMÉ A EXPERIÊNCIA DO SAFÁRI COMO QUISER. VIVER MOMENTOS ENTRE AQUELAS IMAGENS QUE SÓ SE VÊ NO DISCOVERY CHANNEL É UMA EMOÇÃO INESQUECÍVEL

No Brasil, é a
Companhia das Letras
que edita a coleção
das Letras que edita a
coleção

São nove horas da manhã do primeiro dia de safári. Acompanhada dos pais e avós maternos, uma senhorita inglesa de seis anos de idade comenta durante o café o que presenciou ao amanhecer: babuínos ruidosos, girafas silenciosas, filhotes de elefantes e uma árvore com um leopardo entre os galhos. Conduzido pelo guia local Ray, o primeiro giro sobre a savana do norte da Tanzânia, cabelos ao vento em um Land Rover sem capota, deixou todos a bordo boquiabertos. Apenas um aperitivo do que se pode esperar do programa clássico de três dias de safári na Reserva Grumeti, remotamente situada entre o Parque Nacional Serengeti e a divisa com o sul do Quênia.



No Brasil, é a
Companhia das Letras
que edita a coleção
das Letras que edita a
coleção



O show da vida. A vida como ela é. Chame a experiência do safári como quiser. Viver momentos entre aquelas imagens que só se vê no Discovery Channel não tem preço. Safári é um produto sólido do mercado de viagens. Vive no imaginário de todas as pessoas e resgata memórias que vêm desde a infância, quando os quadrinhos de Tintim, a literatura infanto-juvenil e os filmes de Hollywood ajudaram a criar os primeiros estereótipos. Não é à toa que o sonho de fazer esta clássica (e confortável) aventura motorizada movimentou o maior volume do fluxo de visitação internacional no continente africano desde sempre na história do turismo. É gostoso para casais, famílias, grupos de amigos, netos e avós com espírito aventureiro. E nunca dura mais que três dias.

PRIMEIRA IMPRESSÃO

O pequeno grupo desembarca na estreita pista de terra ao lado do rio Grumeti após duas horas em um bimotor da Precision Air, companhia operada por pilotos sul-africanos na Tanzânia. No mesmo voo um jovem casal brasileiro em lua-de-mel, um jogador de basquete norte-americano, e outros dois casais nos

seus 60 anos, médicos de um hospital de Edmonton, Canadá, que haviam acabado de descer do Kilimanjaro. O trajeto de quinze minutos até o lodge Sasakwa marca a primeira impressão da viagem. Ar puro e seco, silêncio de poucas aves e nuvens que alcançam o horizonte, como se vê no céu de Brasília. Um repentino corre-corre de babuínos entre arbustos e a visão de quatro zebras sob a sombra de uma árvore quebram a monotonia da paisagem árida. Já deu para se sentir na África.

Na chegada ao lodge, o staff simpático revisa o programa de cada hóspede: planejam-se momentos especiais com jantares ao ar livre, pernoites em acampamentos de luxo, degustação de vinhos e cavalgadas pela savana, tudo com muita exclusividade e total privacidade. Afinal, os lodges Singita, presentes na Tanzânia, África do Sul e Zimbábue, estão no topo da pirâmide no mercado de safári. “It doesn’t get any better than this” – afirma sorrindo o chef Frank Louw, que já respondeu pela cozinha de diferentes lodges de safári na Tanzânia e na África do Sul. Acesso livre à – nada modesta – cava de vinhos e a ligações internacionais para qualquer parte do

mundo, sem custo, estimulam a compartilhar a experiência com amigos e familiares que ficaram em casa.

Nada pode ser mais especial e exclusivo. Jogadores de basquete, artistas e produtores de Hollywood, além de anônimos em busca de conforto e reclusão circulam silenciosamente por aqui. “Bill Gates foi hóspede recente, um mês atrás” – revela um dos empregados da cozinha, comprometidos em manter a discrição, em um sutil vazamento de informação. No dia seguinte, cada um dos recém-chegados embarca em um jipe com um motorista diferente. A família da menina de Newcastle segue com outro motorista para um pernoite em acampamento, enquanto Ray me conduz no primeiro dia pela reserva. Na despedida, Sophie deixa a dica para meu primeiro passeio: “Fale baixinho e use roupas discretas se quiser ver os animais sem assustá-los”, diz a pequena, repetindo as palavras de Ray e provocando sua imediata risada.

Sob sol ameno, rodamos pelo descampado sem fim, característico do suave relevo que marca a fronteira com o Quênia. Elefantes, girafas, zebras, impalas, hienas e antílopes em geral

são vistos com facilidade no primeiro tour. Reencontramos por acaso a família de Newcastle com os olhos arregalados próximo a um grupo de leões adormecidos. Ray descreve os hábitos dos animais com muito conhecimento. Sabe onde procurá-los, o que fazem em cada momento do dia e onde deverão estar de noite. Aqui não se fala em ver os Big Five, os cinco animais mais difíceis de se caçar a pé segundo a tradição do parque sul-africano Kruger. Prêmio máximo para quem faz safári na África do Sul, avistar em um dia o búfalo, o leão, o rinoceronte, o leopardo e o elefante é muito difícil por aqui. O problema é encontrar rinocerontes, vítimas constantes da matança ilegal que ocorre na calada da noite em busca de seus chifres, comercializados por altos preços no mercado negro chinês.

Nosso tour continua ilustrado pela abundante vida selvagem até o retorno ao lodge, onde o jantar é servido à luz de velas. Na madrugada, o ar seco impede o depósito de orvalho sobre as folhas. A primeira noite bem dormida – após a maratona de vôos desde São Paulo via Joanesburgo, Nairóbi e Arusha – acontece em um chalé com piscina privada e um “deck-observatório”, com

lunetas apontadas para a savana.

O dia seguinte começa às cinco e meia da manhã, com um café da manhã resumido. A caminho de um descampado, não se vê nenhum bicho na travessia do primeiro trecho de savana. De repente, a presença dos animais é pressentida por todos apenas pelo olfato. O cheiro da mata seca se mistura com o forte odor das feras que há pouco deixaram pegadas onde estamos. Ray observa a direção das patas marcadas na areia e arranhões em árvores, feitos por elefantes, enquanto transita silencioso a 30 km/h. Após 20 minutos de suspense nos deparamos com um grupo de 13 leões deitados sob a sombra de uma árvore. Preguiçosos, especialmente os machos, dormem durante o dia inteiro e pouco se importam com o ruído do veículo verde-oliva. Os reis da selva caçam apenas duas ou três vezes por semana, sempre à noite, em ataques coletivos. Na verdade quem caça são as rainhas. Nas investidas, sempre lideradas pelas fêmeas mais encorpadas do bando, elas fazem o mais difícil: armam emboscadas e capturam presas correndo em velocidade desesperada. Em geral antílopes, zebras ou mesmo um filhote de elefante. Uma vez que a presa cai no chão, os machos aparecem para completar o abate com a força trituradora de suas mandíbulas.

TINTIM PODERIA TER SAÍDO NUMA ESCOLA DE SAMBA COMO DESTAQUE E DE QUEBRA DESCOBERTO UMA REDE DE ESPÍOES NO BRASIL. MAS HERGÉ

Nosso guia diz ter uma ideia de onde o bando pernitoou na noite anterior e nos conta com entusiasmo e convicção. Há meses ele acompanha os hábitos alimentares desta e das outras duas famílias de leões que dividem o território ao norte do rio Grumeti. Seu palpite foi certo: naquela mesma noite voltamos ao local e encontramos as leas em um momento de concentração, na espreita de um grupo de antílopes. A noite clara, com a lua quase cheia, distribui generosa luz prateada que favorece a visão e a fuga. As presas conseguem enxergar as leas, se esquivam e desaparecem num piscar. De repente uma nuvem densa encobre a lua. A escuridão toma conta da savana cegando os animais que enxergam mal no escuro. As presas entram em estado de alerta,

e correm desorientadas, sem muita convicção de estar na direção certa. É nesse momento que a maior das fêmeas aparece de surpresa por detrás de um arbusto, em um salto certo sobre o pescoço de um jovem antílope macho. No minuto seguinte, outra leoa adulta já se encontra sobre o animal indefeso, enquanto todos os outros antílopes desaparecem savana adentro.

Boquiabertos, visitantes e guias acompanhavam os lances da caçada, durante mais de uma hora em silêncio absoluto.

De volta ao lounge do Sasakwa, a cena é absorvida gradualmente pelos turistas, que discutem detalhes da caçada emocionante e dolorosa durante uma degustação de vinhos liderada por Christopher Ford, sommelier sul africano de 24 anos de idade. A cava com estrelas é das melhores safras de cabernet e pinotage produzidas em Stellenbosch e Franschoek, na África do Sul.

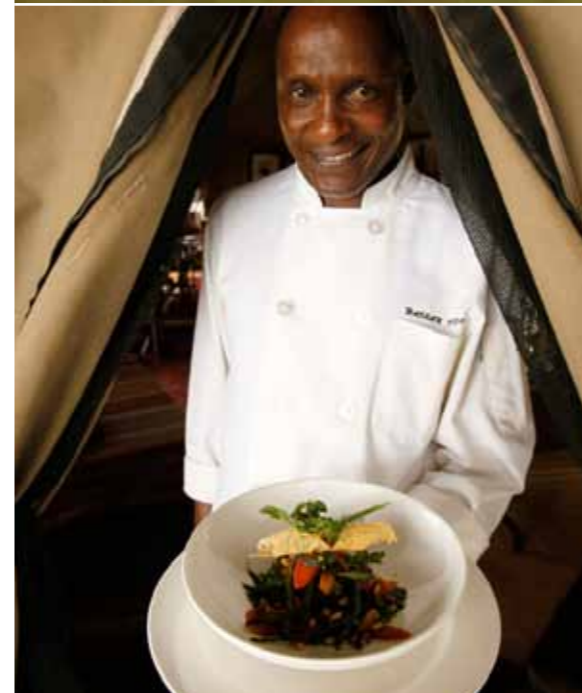
CONFORTO SOB AS ESTRELAS

Feito com pedras negras, como se imitasse um abrigo rochoso natural, Faru Faru é um oásis de conforto situado no topo de uma tímida variação de relevo, como o pedestal do clássico da Disney, “O Rei Leão”. Nos mesmos tons da savana, sofisticados apartamentos e um bar com piscina se harmonizam com a paisagem.

Funcionalidade e charme sem ostentação marcam o estilo do interior dos apartamentos. Espalhados por uma área verde em declive, verdadeiros refúgios de aconchego e segurança são separados por uma passa-

rela sutilmente iluminada, que afasta suas entradas propiciando privacidade e silêncio. É preciso deixar a porta sempre trancada. Os macacos, sempre de galho em galho, aproveitam um descuido podem pular pra dentro do apartamento, fazendo, obviamente, a maior arruaça. À noite, uma escolta acompanha os hóspedes a seus aposentos, just in case.

O ambiente pode ser regulado com todas as variantes de luz e temperatura. Ar condicionado, luminárias estratégicas e cortinas garantem o conforto interno. No exterior, camas espalhadas ao ar livre aconchegam quem deseja curtir a noite ao sabor da brisa suave. Mais um dia na reserva e um encontro ocasional acontece com o fotógrafo de natureza número um do Brasil: Mr.



Cenas de uma escola amiga da natureza: nas fotos acima, os alunos plantam arroz de maneira milenar, como os balineses, conectam-se ao presente-futuro nas aulas de informática ou brincam de pés no chão; nas laterais, sala de aula aberta que dispensa ar-condicionado e luz-elétrica e a refeição feita em pratos de cesta forrados com folhas, que dispensam a lavagem; abaixo, alunas que se destacaram em suas ações sustentáveis são premiadas (a premiação ocorre toda semana); vista das triplas torres centrais no fundo do campo de futebol e detalhe da arquitetura à base de bambu





No Brasil, é a
Companhia das Letras
que edita a coleção



No Brasil, é a
Companhia das Letras
que edita a coleção

Araquém Alcântara. Conduzindo um workshop de fotografia com três alunos, Araquém aproveita para produzir material para um futuro livro sobre a fauna africana. “A localização da reserva Grumeti é o que faz os turistas terem grandes chances de avistar bichos em ação no curto tempo – três dias e duas noites – de duração padrão de um programa de safári” – garante. E quem irá contrariar o mestre de estar no lugar certo na hora certa quando se trata de fotografia de animais? Juntos flagramos o mesmo leopardo que a inglesinha Sophie havia visto, dormindo sobre galhos. Mas a espera para vê-lo se movimentar e finalmente descer da árvore acontece em vão até escurecer.

Os dias seguem como em um filme de ação: hipopótamos, agressivos e temidos, repousam imersos no rio Grumeti, onde ocasionalmente uma família de elefantes aparece para sorver algumas centenas de litros de água. Nas cocheiras do lodge Sasakwa, os médicos canadenses se preparam para uma cavalgada pela savana. Escolhidas as celas – entre o estilo clássico inglês,

o americano e o sul-africano – eles descem o relevo do mirante natural onde se encontra o lodge, guiados por um criador sul-africano com pinta de Clint Eastwood.

Após apenas quinze minutos, a turma cavalga lado a lado com girafas e presencia uma preciosa cena de suspense: sob a luz dourada do ocaso, um guepardo faz alongamento e se move em silêncio próximo a um grupo de zebras distraídas, em uma dança delicada durante horas. Não foi possível assistir ao episódio até o final, mas era fácil presumir o epílogo feliz para o guepardo. Mas mesmo com alguns finais previsíveis, cada viagem nunca será igual a outra a bordo de um Land Rover bem pilotado dentro da Reserva Grumeti. “Isso é o que faz as pessoas voltarem” – completa Ray, desligando o motor após mais um dia de trabalho. Estas memórias ficam marcadas para sempre. Tão fortes como aquelas plantadas pelos livros e pelo cinema durante a infância. E apimentadas com uma considerável dose de realidade.

ALEGRIA O ANO INTEIRO

Os guias de turismo geralmente apontam o inverno, de junho a setembro, como o melhor período para se visitar o Serengeti. É a época da migração e – teoricamente – das secas, embora o clima não esteja muito fiel a essa lógica nos dias de hoje. As temperaturas são as mais agradáveis: camiseta de dia e um agasalho leve à noite bastam, e a ausência de mosquitos é total. Os grupos de animais (e seus predadores) se movimentam durante o dia em busca de água, facilitando o trabalho dos guias e aumentando e as chances de avistá-los dos viajantes.

Mas nos bem localizados lodges no mapa da Tanzânia, a realidade faz exceção a essa regra e garante três dias excitantes a seus hóspedes o ano inteiro. A Reserva Grumeti é uma concessão particular dos lodges Singita (www.singita.com), com o direito de explorar o turismo naqueles limites – que, na prática, constituem divisa natural e sem fronteiras com a área do Parque Nacional Serengeti, a maior unidade de conservação da Tanzânia.

Em outro nível (mais econômico) de safári, tours, diárias e hospedagem em lodges são possíveis na área interna do parque

nacional Serengeti e na popular cratera de Ngorongoro, os dois principais destinos de safári da Tanzânia, onde há maior variedade de estilos e preços de acomodações na selva. Mas que fique claro: nada se compara à experiência na Reserva Grumeti. Para quem se interessar, os workshops de fotografia com Araquém Alcântara acontecem aproximadamente duas vezes ao ano, no segundo semestre, e são comercializados com exclusividade pela agência Teresa Perez. O programa detalhado está em www.teresaperez.com.br

P